



# “Carioca fala bi[s]coito?”: um estudo de avaliação sobre as variantes alveolar e pós-alveolar na comunidade de fala do Rio de Janeiro

**Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8025-0530>

E-mail: [malmelo.lobes@letras.ufrj.br](mailto:malmelo.lobes@letras.ufrj.br)

**Renata de Mello Rodrigues**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6486-5566>

E-mail: [renatademello@letras.ufrj.br](mailto:renatademello@letras.ufrj.br)

## RESUMO

Estudos de produção mostram que, independentemente da idade, do sexo, da escolaridade e da classe social, a coda (s) é majoritariamente realizada na variedade carioca como fricativa pós-alveolar, ocorrendo as outras variantes (fricativa alveolar, fricativa velar/glotal e ausência da coda) em percentuais bastante reduzidos. Esta pesquisa observa a avaliação social das variantes alveolar e pós-alveolar da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, partindo da hipótese de que a variante alveolar da coda (s) poderia ser avaliada pelos cariocas como prestigiada, não sendo relacionado qualquer grau de estigma ou prestígio à realização da fricativa pós-alveolar. Para tanto, um experimento de avaliação, usando a técnica de *matched guise*, foi aplicado em 43 jovens universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Relativamente à variante pós-alveolar, os resultados seguiram a tendência já apontada por Melo (2017, 2022), isto é, de que a esta variante não são atribuídos nem prestígio e tampouco estigma. Relativamente à variante alveolar, observou-se que os participantes atribuíram certo grau de prestígio a essa variante, sendo o número de itens – dois por sentença – decisivo para a atribuição deste prestígio. Argumenta-se que o prestígio atribuído à variante alveolar possa estar relacionado à avaliação do falar carioca tanto por falantes de outras variedades como pelos próprios cariocas, motivo pelo qual seria mais bem avaliada em contexto de maior monitoramento. Espera-se que estudos futuros com outros grupos sociais possam avançar na análise dos significados sociais das variantes da coda (s), sobretudo no que diz respeito à frequência das variantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coda (s); Variedade carioca; Avaliação social; Prestígio; Estigma.



## “Carioca speaks bi[s]coito?”: an evaluation study on the alveolar and post-alveolar variants in the speech community of Rio de Janeiro

### ABSTRACT

Production studies show that, regardless of age, sex, education and social class, the coda(s) is mostly performed in the Carioca variety as a post-alveolar fricative, and the other variants (alveolar fricative, velar/glottal fricative and absence of the coda) are produced at very low percentages. This paper addresses the social evaluation of the alveolar and post-alveolar variants of coda(s) in the speech community of Rio de Janeiro, taking the hypothesis that the alveolar variant of coda(s) could be evaluated by speakers from Rio de Janeiro as prestigious, while the realization of the post-alveolar fricative does not receive any stigma or prestige. To do this, an evaluation experiment, using the matched guise technique, was applied to 43 young university students from the speech community of Rio de Janeiro. Regarding the post-alveolar variant, the results followed the trend already pointed out by Melo (2022), that is, that neither prestige nor stigma is attributed to this variant. Regarding the alveolar variant, participants attributed a certain degree of prestige to this variant, with the number of items – two per sentence – being decisive for the attribution of this prestige. It is argued that the prestige attributed to the alveolar variant may be related to the evaluation of Carioca speech both by speakers of other varieties and by Cariocas themselves, which is why it would be better evaluated in a context of greater monitoring. We hope that future studies with other social groups can advance the analysis of the social meanings of the coda(s) variants, especially with regard to the frequency of the variants.

**KEYWORDS:** Coda (s); Carioca variety; Social evaluation; Prestige; Stigma.

## 1. Introdução

Não é difícil perceber que os falantes mudam a forma como usam a língua a depender do contexto em que estão inseridos. Os falantes podem empreender essas mudanças de maneira consciente ou inconsciente, podendo ainda alternar a forma como falam em curtos períodos ou por períodos mais extensos. Schilling-Estes (2002, p. 376) sustenta que a compreensão acerca da variação linguística somente será alcançada se forem levados em consideração tanto a forma como os indivíduos internalizam os padrões linguísticos da comunidade em que estão inseridos, como a forma pela qual esses padrões são criados e recriados pelos indivíduos em suas práticas de interação diária. Por meio desses diferentes padrões, determinados valores e significados sociais são associados às formas linguísticas. Assim, de uma maneira geral, formas prestigiadas socialmente tendem a ser realizadas em situações de maior monitoramento por parte do falante, ao passo que formas estigmatizadas tendem a ser evitadas nesses mesmos contextos.

Nesse sentido, no presente artigo, observa-se a avaliação que falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro fazem em relação a duas variantes da coda (s): a variante pós-alveolar, como em bi[ʃ]coito e me[z]mo, e a variante alveolar, como em bi[s]coito e me[z]mo. Melo (2017, 2022) mostrou que a variante pós-alveolar é associada à característica de variedade regional por falantes com perfis sociais diferentes e que a variante posterior (velar/glotal) é estigmatizada por falante com algum grau de inserção social. Nesse cenário, que valor(es) social(is) pode(m) estar associados à variante alveolar, uma variante também observada – embora em frequência bem inferior à pós-alveolar – na comunidade de fala do Rio de Janeiro e majoritariamente observada em outras variedades do português brasileiro? O objetivo é verificar uma possível avaliação social mais positiva da variante alveolar entre os falantes cariocas, o que faria com que, em alguns



contextos de interação mais monitorados, a variante alveolar, mesmo não sendo a variante típica do falar carioca, seja preferida pelos falantes.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente, será abordada a questão da avaliação sociolinguística, em especial, da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a fim de relacionar as diferentes variantes da coda (s) a valores sociais distintos na comunidade de fala, bem como situar a avaliação da variedade carioca por falantes da própria comunidade de fala e de outras variedades; na seções seguintes, serão apresentadas a metodologia do experimento aplicado e a análise dos resultados obtidos; por fim, serão tecidas as considerações finais.

## 2. Avaliação sociolinguística

Em oposição à tradição consolidada na primeira metade do século XX, segundo a qual a língua deveria ser tomada como um sistema abstrato, homogêneo e apartado de seus usos, a Sociolinguística Variacionista trouxe, de maneira sistemática, a possibilidade de se conceber a língua como a estrutura dotada de heterogeneidade ordenada: a variação não só é inerente ao sistema, mas também se apresenta de maneira ordenada, sistematizada. Assim, como a variabilidade observada na fala (uso) reflete a variabilidade do próprio sistema linguístico, é necessário obter uma grande quantidade de dados empíricos, os quais devem ser rigorosamente descritos pelos analistas, a fim de que a variabilidade do sistema seja capturada e explicada. Desde a década de 1960, diversos estudos sociolinguísticos vêm se dedicando à obtenção de dados reais de fala, de diferentes línguas, para que a variabilidade do sistema, bem como a relação entre a língua e seus usos sejam observadas. Apesar de estudos com dados de percepção já serem objeto de estudo desde o advento, na década de 1960, da Sociolinguística Variacionista, é certo que são encontrados mais trabalhos realizados a partir de dados de produção do que trabalhos que tenham se desenvolvido a partir de dados de percepção. Entretanto, nas últimas décadas, o interesse em estudos de percepção se ampliou consideravelmente, fazendo com que diferentes técnicas experimentais tenham se desenvolvido e tornando possível obter, sistematizar e analisar dados de percepção.

No geral, o que se observa nos diferentes trabalhos já realizados que versam sobre a relação entre as formas linguísticas e a avaliação dos falantes é que existe uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso, de modo que variantes mais usadas por falantes em contextos formais é aquela mais frequentemente usada por falantes da classe social mais elevada e vice-versa (LABOV, 2006, p. 265). Ademais, para além da relação prestígio-estigma, Oushiro (2015, p. 318) argumenta que “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de *status* e valorizadas quanto a traços de solidariedade”.

Labov (2006, p. 266) afirma que os falantes não têm consciência sobre as variáveis fonológicas e que, portanto, é fundamental que sejam elaborados experimentos para acessar a avaliação dos falantes sobre essas variáveis. Consequentemente, o autor aponta que, para melhor acessar

a avaliação dos falantes, é fundamental: a) isolar as reações subjetivas a valores particulares de uma única variável; b) reduzir essas reações a uma medida quantificável; c) encontrar a estrutura global refletida no padrão das medidas resultantes. Assim, para acessar a avaliação das formas linguísticas que os falantes realizam, é necessário recorrer a experimentos de atitude/avaliação, uma vez que, conforme argumenta Labov (2008, p. 176), as opiniões pessoais dos falantes podem não emergir, caso eles sejam indagados diretamente sobre as variantes. Esse cuidado é importante, pois, em um estágio avançado de mudança, as variantes podem receber um reconhecimento social consciente e explícito. É nesse momento que os estereótipos tendem a aparecer e a influenciar de forma negativa a avaliação do falante, gerando um movimento de aproximação em relação à forma mais conservadora e formal, usada por falantes de classes sociais mais elevadas. Criada por Lambert et al. (1960), um recurso muito utilizado para acessar a avaliação dos falantes é a técnica dos falsos pares (*matched guise*), a qual consiste em colocar os falantes diante de duas possibilidades realizadas por um mesmo falante de duas formas diferentes. Segundo Oushiro (2015, p. XX), essa técnica “permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas impactam a avaliação dos sujeitos em diferentes situações”.

Em razão de, conforme dito anteriormente, os estudos de produção serem mais abundantes do que os de percepção/avaliação e de técnicas experimentais terem sido desenvolvidas de maneira mais consistente nas primeiras décadas do século XXI, muitas observações feitas sobre as avaliações dos falantes sobre diferentes variáveis ao longo das últimas décadas se basearam em estudos com dados de produção. Assim, se uma variante de uma variável era mais produzida por falantes pertencentes a grupos de menor prestígio social, essa variante era entendida como estigmatizada; por outro lado, variantes produzidas por falantes de grupo sociais prestigiados foram compreendidas como variantes de prestígio.

Nesse contexto, a partir de diversos estudos sobre a coda (s) no português brasileiro, Maia (2018, p. 226) sustenta que o enfraquecimento desse segmento, salvo poucas exceções a depender da região, “parece ter surgido entre falantes pouco escolarizados e de camadas mais baixas da sociedade, muito mais na fala de homens do que de mulheres, e está alcançando as camadas mais elevadas e até os estudantes mais escolarizados”. Essa relação entre a distribuição de variantes das variáveis e a correlação com grupos sociais distintos da mesma comunidade levou diferentes estudos de variedades distintas do PB a tomarem a realização posterior (aspirada) da coda (s) como a variante estigmatizada, uma vez que essa variante era mais observada em falantes de classe sociais mais baixas e menos escolarizados (AULER, 1992; CARVALHO, 2000; GRYNER e MACEDO, 2000). Relativamente aos estudos de produção da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, os diversos estudos já produzidos apontam que esse segmento é majoritariamente produzido como uma fricativa pós-alveolar em diferentes grupos sociais da comunidade de fala (GUY, 1981; AULER, 1992; SCHERRE e MACEDO, 2000; MELO, 2012 e 2017). Essa maior frequência da fricativa pós-alveolar sobre as demais pode ser tomada, inclusive, como uma característica bastante saliente da variedade carioca.

Melo (2017, 2022) realizou um experimento de avaliação sobre a realização da coda (s) em dois grupos sociais distintos da comunidade de fala do Rio de Janeiro: (a) três grupos de moradores de favelas, com diferentes graus de inserção social (grupos EJLA, EPSJV e Fiocruz); (b)



um grupo de falantes universitários pertencentes a diferentes setores da classe média (grupo UFRJ). As variantes em análise foram a fricativa pós-alveolar [ʃ/ʒ] e fricativa posterior [x/χ ou h/ħ], como em me[ʒ]mo e me[χ/ħ]mo. Era esperado que o grau de inserção dos sujeitos tivesse impacto na organização do conhecimento linguístico desses mesmos sujeitos e, consequentemente, na forma como os falantes avaliam as variantes. Os resultados revelaram um padrão binário de avaliação: (1) não há distinção de avaliação entre as variantes para os indivíduos do grupo EJLA, grupo este constituído por adolescentes excluídos socialmente; (2) para os outros três grupos (EPSJV, Fiocruz e UFRJ), há diferença considerável de avaliação entre as variantes. Esse padrão revela que a avaliação das variáveis não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala. De maneira geral, entre os participantes dos três grupos que avaliam diferentemente as variantes, a variante glotal foi avaliada de forma negativa, o que conduz à hipótese de ser essa a variante estigmatizada entre os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro com algum grau de inserção social. Relativamente à variante pós-alveolar, Melo (2017) observou que não há estigma ou valor positivo atribuído à variante pós-alveolar: “se um falante fizer uso dessa variante, será entendido que esse falante pertence à comunidade de fala do Rio de Janeiro (...), isto é, não há nenhum tipo de associação da variante a um grau de prestígio” (p. 118).

Tesch (2023) realizou um estudo sobre avaliação de sotaques das capitais da região sudeste do Brasil, por meio da análise de 1401 questionários respondidos por brasileiros com idades entre 18 e 76 anos (com idade média de 33 anos), de ambos os sexos e de diferentes cidades brasileiras. A maioria dos participantes tinha nível superior (graduação ou pós-graduação) e pertenciam aos estados de Espírito Santo (53,25%), Minas Gerais (12,06%), Rio de Janeiro (8,14%) e São Paulo (8,71%). Em relação às categorias avaliadas no questionário (prestígio, beleza, correção e agradabilidade), a variedade carioca foi avaliada, em relação às demais variedades do sudeste (paulista, mineira e capixaba), da seguinte forma: a) ao lado da variedade paulista, foi considerada a de maior prestígio; b) novamente, ao lado da variedade paulista, foi mais relacionada a um falar “feio”; c) ao lado da variedade mineira, foi menos relacionada a um falar “correto” e mais relacionada a um falar “errado”; d) foi a variedade menos relacionada com um falar “agradável” e mais relacionada com um falar “irritante”. Além disso, quando perguntados sobre qual sotaque da região sudeste os participantes não gostariam de ter, a variedade carioca figurou como a mais rejeitada por falantes nascidos em Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Assim, os resultados de Tesch revelam que o sotaque carioca, embora reconhecidamente prestigiado entre os falantes do sudeste, costuma não ser bem avaliado pelos mesmos falantes (irritante e não desejável).

A partir dos resultados de Melo (2017, 2022) e dos resultados de Tesch (2023), o que se pretende é analisar o significado social das variantes alveolares, as quais são pouco frequentes na comunidade de fala do Rio de Janeiro e, diferentemente da variante pós-alveolar, não são reconhecidas como típicas da variedade carioca. A hipótese é a de que, se a variante posterior é estigmatizada entre falantes com maior escolaridade e inserção social e a variante pós-alveolar é apenas um marcador da fala carioca, a variante alveolar pode ser percebida como a variante de prestígio entre os falantes mais escolarizados da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

### 3. Metodologia

No decorrer desta seção, será apresentada a metodologia de levantamento e de tratamento dos dados de avaliação. Conforme dito anteriormente, a finalidade deste trabalho é averiguar como falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro avaliam duas variantes da coda (s): as fricativas pós-alveolares [ʃ/ʒ] e as fricativas alveolares [s/z]. O experimento, elaborado para levantar dados que evidenciem a avaliação social das variantes em questão, analisou a relação entre as variantes da variável e três atividades profissionais diferentes: *médica*, *auxiliar de enfermagem* e *faxineira*, as quais possuem diferentes níveis de prestígio na sociedade. A associação de uma variante com um determinado perfil profissional indica expectativas sociais distintas quanto à formação dos sujeitos que ocupam cada uma das profissões. Dessa forma, maior prestígio social estaria associado à profissão de *médica*, a qual requer um maior nível de escolaridade e formação específica; de maneira oposta, no polo de menor prestígio social, estaria a profissão *faxineira*, a qual não requer nenhum nível de escolaridade e de formação; por fim, a profissão de *técnica de enfermagem* estaria em um nível intermediário de prestígio social, visto que, apesar de ser necessária uma formação técnica, este é um perfil profissional ocupado por profissionais das classes mais populares que tiveram a oportunidade de frequentar alguma instituição para alcançar essa formação. Assim, a associação de uma variante a uma determinada função nessa escala social indica: a) avaliação positiva da variante quando mais associada à profissão de *médica*; b) avaliação negativa da variante quando mais associada à profissão de *faxineira*; c) avaliação isenta de prestígio ou estigma da variante quando mais associada à *técnica de enfermagem*.

O experimento foi aplicado em jovens universitários cariocas da Faculdade de Letras da UFRJ, os(as) quais, à época da aplicação do experimento, cursavam o 1º e 2º períodos da graduação. A escolha por observar a avaliação de jovens universitários se deu em razão de tais falantes estarem mais expostos a variantes de prestígio. Todos os participantes tinham entre 18 e 23 anos de idade. As sentenças que serviram de estímulos para o experimento foram gravadas por uma falante da comunidade de fala do Rio de Janeiro, com nível universitário e faixa etária de 25-30 anos. Além de 12 sentenças distratoras, 24 sentenças foram elaboradas e organizadas em duas listas: uma lista com 12 sentenças que só continham apenas um item com a variável analisada e outra lista com 12 sentenças que continham dois itens com a variável analisada. A fim de que fosse possível estabelecer uma comparação com os resultados obtidos por Melo (2017, 2022), as mesmas sentenças utilizadas por esse autor foram utilizadas no presente experimento. Como Melo (2017, 2022) não observou diferenças significativas por sexo/gênero, essa variável não foi controlada.

Cada participante escutou, no total, 18 sentenças, das quais 12 continham a variável em questão e 6 eram distratoras. Um grupo de participantes ouviu as sentenças que continham apenas uma ocorrência da variável e outro grupo ouviu as sentenças com duas ocorrências da variável, totalizando 43 participantes para as duas situações do experimento (ouvir uma única ocorrência da variante por sentença x ouvir duas ocorrências da mesma variante por sentença). Cada participante ouviu, em cada uma das duas condições, 6 sentenças com uma variante e 6 com a outra variante, sendo que nenhum participante foi exposto à mesma palavra com as duas variantes.



**QUADRO 1.** *Design*: distribuição das sentenças/estímulos do experimento

22 participantes de cada grupo	sentenças com 1 item		
	6 sentenças 1 item com a variante pós-alveolar	6 sentenças 1 item com a variante alveolar	6 sentenças distratoras
21 participantes de cada grupo	sentenças com 2 itens		
	6 sentenças 2 itens com a variante pós-alveolar	6 sentenças 2 itens com variante alveolar	6 sentenças distratoras

Fonte: Produzido pelos autores.

O experimento foi aplicado individualmente, na Faculdade de Letras da UFRJ, em uma sala isolada. Os estímulos foram apresentados, individualmente, aos participantes, por meio de um computador e fones de ouvido. Os áudios das sentenças foram reproduzidos de forma aleatória no programa Psycopy, que consiste em um pacote de *software* de código aberto escrito na linguagem de programação Python, usado principalmente em pesquisas em neurociência e psicologia experimental (PIERCE, 2019). Foram registradas 516 respostas ao fim do experimento, excluindo as distratoras.

No momento da aplicação do experimento, o(a) participante recebia orientações no sentido de esclarecer o contexto do experimento. A tarefa atribuída ao(a) participante era novamente explicada na tela do computador, antes de o experimento começar.

**FIGURA 1.** Instruções – experimento de avaliação da coda (s)

**Olá!**

**Você vai ouvir frases que foram gravadas por uma mulher que trabalha em um hospital.**

**Você vai ouvir cada frase 2 vezes e responder: pelo jeito de falar, qual cargo do hospital essa pessoa provavelmente ocupa?**

**Você terá três opções para responder a essa pergunta:**

FAXINEIRA

TÉCNICA DE ENFERMAGEM

MÉDICA

**Para responder entre as três opções, use o cursor (mouse) do computador.  
Para iniciar a pesquisa, aperte a barra de espaços no teclado.**

Fonte: Produzido pelos autores.

Depois da leitura do texto, o(a) participante ouvia duas vezes cada sentença antes de escolher uma resposta. Depois de ouvir duas vezes a sentença, o(a) participante se deparava, na tela, com as três alternativas que deveria escolher (*médica, técnica de enfermagem, faxineira*), clicando, com o *mouse*, em apenas uma delas. Após a escolha da resposta, a informação era registrada

pelo programa em uma planilha do Excel e, logo em seguida, o experimento avançava para o próximo estímulo automaticamente.

As informações geradas foram submetidas a um modelo de análise linear de efeitos mistos, por meio da Plataforma *Jamovi* (SAHIN; AYBEK, 2019), com o objetivo de examinar a relação entre as respostas (*médica*, *técnica de enfermagem* ou *faxineira*) e as variáveis independentes: a) variante/estímulo (intrassujeitos/ *within subjects*)<sup>1</sup>: alveolar ou pós-alveolar para a coda (s); b) número de variantes por sentença (entre-sujeitos/*between subjects*): sentença com uma ocorrência da variante, sentença com duas ocorrências da mesma variante.

A análise das respostas dos participantes ocorreu de duas formas: distribuição das respostas por cada variável independente estudada e grau de avaliação de cada variante. Para esta última forma, foram atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos(as) participantes aos três perfis profissionais: o valor 1 (um) foi atribuído ao perfil *médica*, o valor 2 (dois) foi atribuído ao perfil *técnica de enfermagem* e o valor 3 (três) foi atribuído ao perfil *faxineira*. Assim, o valor 1 (um) é associado às formas linguísticas tidas como mais prestigiadas e o valor 03 (três), às formas linguísticas de menor prestígio, com base na relação entre as variantes produzidas e as profissões presentes no experimento. A soma dos valores associados às respostas reflete o nível de prestígio ou estigma da variante: quanto maior a pontuação atribuída a uma variante, maior terá sido a sua associação a um perfil menos prestigiado; por outro lado, uma baixa pontuação revela maior associação da variante ao perfil social mais prestigiado e que recebe menor pontuação.

A expectativa era de que, por meio desse experimento, fosse possível apurar se jovens universitários fazem a mesma avaliação sobre as variantes da variável em questão. Além disso, buscava-se analisar se a frequência da variável, examinada a partir da realização de 1 item ou 2 itens na mesma sentença, interferiria de algum modo na avaliação por parte do(a) participante, conforme em Labov et al. (2011). A hipótese era de que a variante alveolar, diferentemente do que Melo (2017, 2022) observou para a variante pós-alveolar, seria mais associada ao perfil *médica*, o que pode indicar um valor de prestígio atribuído a essa variante. Em relação à variante pós-alveolar, espera-se confirmar os resultados de Melo (2017, 2022), sendo essa variante mais associada ao perfil intermediário (*enfermeira*).

## 4. Resultados

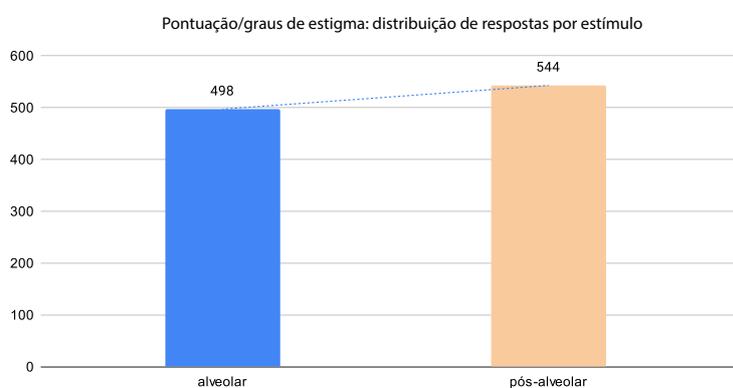
Como já mencionado anteriormente, para cada escolha de perfil profissional por parte dos(as) participantes foram atribuídos valores, a fim de que fosse possível registrar a diferença – ou não – em relação à avaliação das variantes: (a) as respostas relacionadas ao perfil *médica* receberam pontuação 01 (um); (b) as respostas relacionadas ao perfil *técnica de enfermagem*

<sup>1</sup> *Design* experimental intrassujeitos (*within-subject*) significa que todos os participantes estão expostos aos mesmos tipos de estímulos. *Design* entre-sujeitos (*between-subjects*) significa que um determinado tipo de estímulo foi exposto a um grupo de participantes e não a outro (DRAGER, 2013:64). Em outras palavras, todos os participantes ouviram as duas variantes de cada variável, mas cada grupo ouviu ou somente uma variante por sentença ou duas variantes por sentença de cada variável sociolinguística avaliada.



receberam pontuação 02 (dois); (c) as respostas relacionadas ao perfil *faxineira* receberam pontuação 03 (três). Assim, a soma das pontuações reflete os graus de estigma de cada variante, sendo uma pontuação mais elevada o indicativo de uma maior associação entre uma das variantes ao perfil de menor prestígio social. O gráfico 1 revela a distribuição de pontuação por variante. A partir da análise do gráfico com as pontuações das variantes alveolar e pós-alveolar, é possível observar que uma menor pontuação foi atribuída à variante alveolar (498) e, portanto, é possível dizer que essa variante recebeu uma avaliação mais positiva que a variante pós-alveolar (544).

**GRÁFICO 1.** Avaliação em graus de estigma sobre as variantes da coda (s) - alveolar e pós-alveolar, com base nos resultados gerais do experimento



Fonte: Produzido pelos autores.

As respostas registradas foram submetidas a uma análise linear de efeitos mistos, por meio do *software* Jamovi, para observar a correlação – ou não – entre os resultados (as respostas dos participantes/escolhas da profissão) e as variáveis explicativas controladas na pesquisa (estímulo e lista de itens). Importante destacar que um p-valor abaixo de 0.050 indica que há correlação entre as respostas dadas e as variáveis independentes controladas, razão pela qual os resultados obtidos são considerados significativos e, por isso, relevantes no entendimento da avaliação das variáveis linguísticas em questão. Na Tabela 1, são apresentados os resultados para a análise linear de efeitos mistos.

**TABELA 1.** Significância estatística das variáveis explicativas no experimento de avaliação das variantes da coda (s), com base no modelo de análise linear de efeitos mistos

	F	Num df	Den df	P
Estímulo	5.89	1	512	0.016
Lista	5.95	1	512	0.015
Estímulo * Lista	1.36	1	512	0.244

modelo: RESPOSTA ~ 1 + ESTÍMULO + LISTA + ESTÍMULO:LISTA+( 1 | participante)

Fonte: Produzido pelos autores.



Conforme os resultados da Tabela 1, a análise estatística dos resultados mostrou que há correlação entre as respostas dadas pelos(as) participantes: (a) as variantes (*estímulo*); (b) o número de ocorrência da variável por sentença (*lista*). A partir da correlação observada em (a), é possível dizer que a relação entre os estímulos e as respostas foi determinante para a avaliação dos participantes. Assim, como houve menos associação da variante alveolar aos perfis de menor prestígio social, tendo em vista a pontuação menor atribuída a essa variante, é possível afirmar, ainda, que, em comparação com a variante pós-alveolar, a variante alveolar recebeu avaliações mais positivas, o que pode indicar a atribuição de certo grau de prestígio a essa variante.

Levando em consideração a correlação observada em (a) e (b), a Tabela 2 traz a distribuição de respostas para o grau de estigma atribuído às variantes da coda (s), considerando o número de itens por sentença (*lista*).

**TABELA 2.** Distribuição de respostas por variantes e lista de itens com a variável

LISTA	VARIANTE	PERFIL PROFISSIONAL			
		médica	técnica de enfermagem	faxineira	Total Geral
01 item	alveolar	31 (27,20%)	44 (38,60%)	39 (34,20%)	114
	pós-alveolar	25 (21,93%)	46 (40,35%)	43 (37,72%)	114
02 itens	alveolar	64 (44,44%)	42 (29,17%)	38 (26,39%)	144
	pós-alveolar	37 (25,69%)	60 (41,67%)	47 (32,64%)	144

Fonte: Produzido pelos autores.

Conforme se depreende da leitura da Tabela 2, é possível observar uma concentração de respostas associadas ao perfil intermediário (*técnica em enfermagem*) nas listas com apenas um item com a variável, independentemente da variante (*estímulo*). Ou seja, independentemente de o estímulo conter um item com a variante pós-alveolar ou alveolar, houve maior associação das respostas ao perfil intermediário, o que pode revelar que não houve atribuição de estigma ou prestígio às variantes. As sentenças da lista 01 que continham um item com a variante alveolar foram, inclusive, as que foram menos associadas ao perfil *médica* (31), isto é, aquele com maior prestígio social.

Por outro lado, a presença da variante alveolar parece ter sido decisiva para que as sentenças fossem associadas ao perfil de maior prestígio social (*médica*), quando havia dois itens produzidos com essa variante (64). É possível observar que, ainda de acordo com os resultados da lista 02, a associação entre a variante alveolar e o perfil de maior prestígio foi maior do que a associação – já esperada – entre a variante pós-alveolar e o perfil intermediário (60). Assim, é provável que o número de itens com a variante de prestígio tenha sido decisivo para um julgamento mais

positivo dos participantes, numa relação inversa àquela observada por Labov et al. (2011) para a variante estigmatizada.

Comparando com os resultados obtidos por Melo (2017, 2022), existe uma notável diferença quanto à avaliação dos(as) participantes: para a pós-alveolar vs. glotal, os resultados de Melo mostram que há uma forte correlação entre as variantes e as respostas dos universitários que participaram do experimento, sendo a variante glotal a que recebeu uma avaliação negativa, isto é, de forte estigma. No entanto, a variante pós-alveolar não recebeu uma avaliação de prestígio, presumivelmente porque, conforme já assinalado, essa é a variante esperada para os falantes do Rio de Janeiro. Os resultados deste experimento revelaram as mesmas conclusões para a variante pós-alveolar, conforme já apontado por Melo (2017, 2022). Entretanto, no que se refere à variante alveolar, os resultados apontam para um valor atribuído a essa variante na direção oposta àquela atribuído à variante posterior e observado em Melo (2017, 2022): enquanto esta apresentou uma avaliação bastante negativa (estigma) por parte dos falantes universitários, a variante alveolar, de maneira oposta, apresentou avaliações em direção a um padrão de prestígio.

É interessante mencionar, ainda, que, quando as variantes pós-alveolar e posterior estão sendo comparadas (MELO, 2017, 2022), a diferença de avaliação é muito grande. Porém, como no caso deste experimento, quando as variantes pós-alveolar e alveolar são comparadas, a diferença é menor. Talvez, por esse motivo, somente com um número maior de itens com a variante alveolar seja possível perceber uma mudança no padrão de avaliação dos falantes, os quais passam a atribuir um valor de prestígio à variante. Conjugando os resultados de Melo (2017, 2022) e o deste trabalho, é importante observar que a variante pós-alveolar é avaliada de maneira neutra pelos falantes do Rio de Janeiro em ambos os experimentos, isto é, como uma característica do falar carioca, mas as outras duas variantes (posterior e alveolar) estão em polos opostos quanto à avaliação: a variante posterior tende a receber uma avaliação negativa por parte dos falantes cariocas com algum grau de inserção social, ao passo que a variante alveolar parece ser mais associada a uma variante de prestígio.

## 5. Considerações finais

Este trabalho analisou o significado social em relação à produção da coda (s), comparando as variantes fricativas pós-alveolares [ʃ/ʒ] e as fricativas alveolares [s/z], para verificar se, de fato, existe uma variante mais prestigiada entre falantes mais escolarizados do Rio de Janeiro. Para isso, a avaliação da coda (s) foi acessada por meio de um experimento de avaliação sociolinguística, o qual contou com a participação de jovens falantes universitários da UFRJ da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Em síntese, os resultados gerais do experimento mostraram que a variante alveolar recebeu uma menor pontuação (498) no somatório de respostas atribuídas pelos participantes, tendo a variante pós-alveolar recebido uma pontuação maior (544). Uma maior pontuação indica que maior associação ao perfil profissional de menor prestígio social, razão por que é possível afir-



mar que as sentenças que continham a variante alveolar foram menos associadas a esse perfil e, conseqüentemente, foram mais bem avaliadas.

Com relação à frequência dos itens, foi possível observar que, quando a sentença continha apenas 1 item com a variável, a variante era associada ao perfil profissional intermediário (*técnica de enfermagem*), ou seja, os participantes tenderam a uma neutralidade em relação às duas variantes (alveolar e pós-alveolar). No entanto, quando a sentença tinha dois itens com a variável, as sentenças com a variante alveolar foram mais associadas ao perfil de maior prestígio social (*médica*). Essa maior associação da variante alveolar com o perfil de maior prestígio social pode indicar um certo grau de prestígio conferido a esta variante pelos falantes mais escolarizados da comunidade de fala do Rio de Janeiro, sobretudo quando há um aumento da frequência da variante.

Ao longo das últimas décadas, mudanças estruturais ocorridas no Rio de Janeiro instauraram uma nova imagem para o arquétipo da Cidade Maravilhosa. Essa mudança tem um impacto direto na autoimagem do carioca e pode ser uma das causas que levam os cariocas, em determinados contextos, a preferirem o uso da variante alveolar. Como a variante pós-alveolar da coda (s) é bastante saliente e amplamente reconhecida como a principal característica da variedade carioca, a variante alveolar, por não ser diretamente relacionada com o falar carioca, poderia ser preferida por alguns falantes em contextos mais formais de interação. Isto porque a identidade carioca pode ser associada a características não muito positivas (malandragem, informalidade, boemia) em alguns contextos de interação, o que levaria alguns cariocas a produzirem mais a variante alveolar nestes contextos.

Além disso, a própria variedade carioca costuma não ser bem avaliada por falantes de outras variedades do português brasileiro (TESCH, 2023): o sotaque carioca tende a ser avaliado como “irritante” e “menos correto” por falantes de outros estados da região sudeste. Vieira (2020) aponta para uma tendência na grande mídia a uma atenuação de marcas regionais muito acentuadas na fala de repórteres e de jornalistas. Assim, como a variante pós-alveolar da coda (s) é uma característica muito marcante da variedade carioca, pode ser que, em situações mais monitoradas, os cariocas tendam não só a produzir como avaliar de forma mais positiva a variante “mais neutra” ou “menos carioca”, como a fricativa alveolar. Nas palavras de Meyerhoff (2011, p. 28), é possível que, em situações mais monitoradas, em que se exija maior grau de formalidade, os cariocas optem por eliminar o negativo, produzindo variantes “menos cariocas” e avaliando mais positivamente variantes que não indexem a identidade carioca.

Por fim, em comparação com a pesquisa de Melo (2017, 2022) em que as diferenças de avaliação entre a pós-alveolar e a posterior foram muito grandes, o resultado desta pesquisa revela que, para os falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro, não há uma diferença muito acentuada quanto à avaliação das variantes alveolar e pós-alveolar. De qualquer forma, resta evidenciado que, nas sentenças em que dois itens eram realizados com a variante alveolar, houve uma concentração de respostas no perfil de maior prestígio social (*médica*). Por fim, é possível que a diferença entre as variantes alveolar e pós-alveolar possa ser mais bem investigada em outros experimentos, com participantes de outros grupos sociais e nos quais a frequência dos itens com as variantes seja mais bem observada.



## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo: conceituação, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, validação, visualização, redação, esboço inicial e redação, revisão e edição.

Renata de Mello Rodrigues: análise formal, metodologia, redação, esboço inicial e redação, revisão e edição.

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores não têm conflito de interesses a declarar.

## REFERÊNCIAS

AULER, Mônica. **A difusão lexical num fenômeno de aspiração em português**. In: Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1992.

CARVALHO, Rosana Siqueira de. **Varição do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, 2000.

DRAGER, Katie. Experimental methods in sociolinguistics. In: Janet Holmes and Kirk Hazen (Eds.) **Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide**, Wiley-Blackwell, p. 58-73, 2013.

GALVÃO MAIA, Edson. Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas (Brasil). **Estudos de Linguística Galega**. 2018, 219-236. doi:10.15304/elg.ve1.3593. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3593>> (31 October, 2023).

GRYNER, Helena e MACEDO, A. V. T. A pronúncia do -S pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martellota. (Org.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 26-51, 2000.

GUY, Gregory R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. PhD Dissertation. University of Pennsylvania, 1981.

JOHNSON, D.E. Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. **Language and Linguistics Compass**, 3 (1), 359–383. DOI: 10.1111/j.1749-818X.2008.00108.x, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; Weldon, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. **Journal of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing: p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W. E. et al. **Evaluational reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44-51, 1960.

MELO, Marcelo A. S. L. de. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.



MELO, Marcelo A. S. L. de. Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uniformidade ou diferentes tendências?. **ORGANON**, v. 37, p. 102-124, 2022.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Routledge, 2011.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

PEIRCE, J. W.; GRAY, J. R.; SIMPSON, S.; MACASKILL, M. R.; HÖCHENBERGER, R.; SOGO, H.; KASTMAN, E.; LINDELØV, J. PsychoPy2: experiments in behavior made easy. **Behavior Research Methods**. 2019.

SAHIN MD, AYBEK EC. **Jamovi: an easy to use statistical software for the social scientists**. Int J Assess Tools Educ; 6:670–92, 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, A. V. T. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: Maria Cecília Mollica; Mário Eduardo Martelotta (org.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, p. 52-64, 2000.

SCHILLING-ESTES, Natalie. 2002. Investigating stylistic variation. In: **The Handbook of Language Variation and Change**, ed. J. Chambers and N. Schilling-Estes, 375-401. Oxford: Blackwell.

TESCH, L. M. Avaliações sobre os sotaques das capitais do sudeste. In: **VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos** (CONEL), 6, 2023, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES).

VIEIRA, Laise Aparecida Diogo. **A língua falada no teatro e em telenovelas brasileiras: um percurso pela história das ideias linguísticas**. São Paulo: UNICAMP, 2020.

